

QUE EDUCAÇÃO MUSICAL É ESSA?

Bernadete Zagonel¹

(Publicado no Jornal Gazeta do Povo em 24 de abril de 2001)

Se formos observar o tipo de repertório musical que nossas crianças têm hoje em dia a seu dispor, seja pela televisão, pelo rádio ou nas lojas de disco, veremos que a pobreza de estilos, gêneros, harmonias, arranjos, é muito grande. Mas é o que elas estão acostumadas a ouvir, e é do que gostam. Claro, não conhecem outras coisas...

Aí então me pergunto: que educação musical estamos dando às crianças brasileiras? De que maneira poderíamos contribuir para formar ao menos o ouvinte consciente e crítico, capaz de escolher aquilo que quer ouvir e desfrutar? E pergunto-me também, onde estarão os músicos que a escola forma? Que tipo de atuação no mercado estão tendo?

Constato então que a escola, de modo geral, se fecha em si mesma, e se mantém isolada do mundo, pouco se comunica. Cada um, escola e sociedade, permanece em seu canto, sem se olhar nem se falar, e as coisas permanecem como estão, ou seja, o nível de qualidade da produção musical do que realmente se ouve continua lamentável.

Não estou querendo defender a vulgarização do conhecimento, no seu sentido negativo, nem a descaracterização da academia. Todos sabemos como é importante haver pessoas que pensam, refletem, discutem e escrevem sobre os problemas da sociedade. Mas olhando atentamente em volta, me vêm dúvidas sobre o fato de estarmos ou não cumprindo nosso papel de geradores de conhecimento, para a melhoria da sociedade. Ou estaríamos simplesmente estimulando nossas vaidades, falando coisas geniais para nós mesmos?

Parece que o ensino musical que as escolas especializadas têm feito se mostra desinteressante à sociedade, ao mesmo tempo em que não demonstra estar contribuindo para o desenvolvimento da música de qualidade no país. Até que ponto adianta falar de

^{1 1} Bernadete Zagonel: professora titular da UFPR, doutora em música pela Sorbonne.

Bach, Beethoven ou Boulez para crianças que não sabem mais nem quem é Dorival Caymi ou João Gilberto? Que não sabem mais cantar Ciranda, Cirandinha?

Ao mesmo tempo que sei não ter direito de lhes negar informações novas e ampliar seus conhecimentos, dando-lhes a oportunidade de ouvir e passar pela história da música clássica ocidental, também não sei se faz sentido continuar falando delas que são tão distantes e fora da realidade deles.

Paulo Freire pregava a importância de se partir da cultura do indivíduo e de seu mundo de conhecimentos para que a educação seja frutífera. Ele falava de *universo vocabular*, pertencente a cada grupo social, e de onde se deveria partir dentro do processo de alfabetização. Transpondo o pensamento do educador para a área da música, poderíamos falar de *universo vocabular musical*, onde as músicas ouvidas todos os dias seriam o ponto de partida para a iniciação deste ensino, pois é com ela que a maioria dos alunos está familiarizada. Mas até que ponto o professor se permitiria começar um ensino a partir de exemplos que, na maioria dos casos, não considera adequados para o ensino? E se assim não fizer, será que conseguirá interessar os alunos, e chegar até eles?

Parece que nos encontramos diante de um impasse. De um lado há a mídia, deixando suas marcas por onde passa, impondo seus produtos, e de outro há as escolas e os professores de música, desejosos de desenvolver um ensino de qualidade, que eleve tanto a música quanto o indivíduo, mas com muitas dificuldades para consegui-lo.

No entanto, devo lembrar que a variedade de tipos de música existente nesse mundo é imensa, e que é preciso abrir os horizontes - e os ouvidos - para novas descobertas. No ensino, não podemos nos restringir ao trabalho a partir da produção veiculada pela mídia, nem do clássico ou do folclore. É preciso buscar a diversidade.

Temos aí, sem dúvida, um grande desafio. Não me iludiria em pensar que teríamos armas suficientemente eficazes para combater o poder descomunal dos meios de comunicação. Mas apesar de tudo, acredito ainda que cabe aos educadores encontrar saídas e alternativas para melhorar a situação da música e do ensino musical no país. Precisamos começar a agir, pois como diz o poeta, quem espera nunca alcança.